

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
ARQUIVO TEATRAL
Data/...../.....

LINO FERREIRA
Rua Ross Araújo, 63
LISBOA

E O S I D O A P O R T U G U E Z A

Revista em 2 actos

Original de:

Lino Ferreira
Xavier de Magalhães
Lopo Lauer
Lourenço Rodrigues

Dado
Victor Pavão
dos Santos

(Um cabaret em Paris. Ao erguer o pano, ouve-se dentro um Jazz-band, que solta as ultimas notas por entre muitas palmas e ruido de animação. A uma mesa, estão ceando Franceza e Portuguez).

FRANCEZA- Não danças?

PORTUGUEZ- Não! Gosto mais de vêr dançar.

FRANC.- Na verdade
Tu sentes mas é saudade
Duns olhos talvez fatais
Deixados em Portugal

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

ARQUIVO LITERAL

Data

PORT.- Não! Não nego a nostalgia
mas o resto...

FRANC.- É fantasia!
Da minha parte?

PORT.- Total.

CREADO- (Retirando os pratos).
Que mais, meu senhor?

PORT.- Sei lá... Que te apetece?

FRANC.- O que queiras.

PORT.- (Ao Creado).
Pois bem, traz muitas frioleiras.

CREADO- Talvez patés de foie-gras.

PORT.- (Indiferente).
Sim, pode ser! (Creado retira-se).

FRANC.- (Admirando-o). Sê feliz!
Tendo mulher e dinheiro
Ninguém ha no mundo inteiro
Que seja triste em Paris!
(Empunhando uma garrafa).
Voilà, mon petit coco!
(Enche-lhe a taça).
Mais uma taça?

PORT.- Obrigado!
(Tocando na dela e bebendo).

FRANC.- Oh! filho, fazes-me dó!
Olha que tens a teu lado
A joia cá de montmartre
Parisiense de lei
E muito capaz de amar-te!

PORT.- Uma cocote, bem sei!

FRANC.- (Sorrindo).

C'est gauche! Vê lá se qu'rias
Ter sentada aqui á mesa
P'ra te ouvir as grosserias
Alguma illustre princeza?!

(Outro tom).

mas, enfim...

(Tentando servi-lo). Mais de foie-gras?

PORT.- Não, minha amiga, obrigado!

FRANC.- muda o disco. Ora não ha!

PORT.- É que já estou enjoado
Do teu paladar francez.

FRANC.- (Maliciosa).

Ha muita gente que gosta.

(Outro tom).

Enjoado! Olha, talvez
mayonaise de lagosta.
Queres que chame o garçon?

PORT.- Pois sim, mas só para que traga
Deste champanhe. É bem bom!

FRANC.- (Chamando o Creado). Garçon!
(Ao Portuguez).

Que noite, que praga!
Não fazes senão beber!
(Ao Creado, já junto dela).
Champanhe!

PORT.- (Depois do Creado se retirar).
Bebidas fracas!
Tu havias de me vêr
mas era beber Burjacas.

FRANC.- Burjacas?! mas não conheço!
Talvez muito caro...

PORT.- (Já meio embriagado, bebendo o champanhe que o creado acaba de servir). Não!
Deve regular p'lo preço
Dos teus aneis de latao.

FRANC.- Que falta de gentileza!
Olha que eu, a folgazã,
Já tive grande riqueza
E joias signée Germain.
Já tratei tu cá tu lá
Um Grã-Duque e um Rei deposto
E já passeei no Bois
Num pur-sangue de bom gosto.
(Estendendo-lhe a mão com os aneis).
De resto as pedras são béras
mas o oiro é verdadeiro

PORT.- (Completamente embriagado).
não me iludes com quiméras!

Ata

Nesta Paris de dinheiro
 Lançado á rua ás mãos cheias
 Nesta Paris que delira
 Com cabarets e com ceias
 Só é verdade...a mentira!
 Tu pensas que isto é grossura?
 Pois desilude-te, amiga.
 Não estou grôssô e por ventura
 Como lá diz a cantiga
 Posso provar-t'o a bailar
 Que o bailarico a valêr
 É andar com um pé no ar
 E outro no chão a bater.
 Tudo isto aqui é fictício.
 Coisa certanyverdadeira
 Só a noite, só o vício
 O champanhe e a bebedeira!
 (Tomba de bruços sobre a mesa).

FRANC.-

(Amparando-o).

Não vês? Se não fosse a mesa...

Não comêste quasi nada!

Deu-te o vinho na fraqueza.

(Aparte) Ora que grande massada!

Vai a noite em mais de meia

E eu aqui com tal borgêssô!

P'ra quê? P'ra ganhar a ceia?

Sim senhor, bonito preço!

(Chamando).

Garçon!

(Novamente no tom acima).

E sem ter vintem!

(Ao Creado, já junto dela).

A conta, faça favôr!

(Creado vai a retirar-se, mas ela detem-o).

Olça, mande-me também

O chapéu deste senhor

E os meus abafos.

(Entrega uma chapa de metal ao Creado, que se retira. Ao Português, sacudindo-o). Então?

P'ra que a coisa não refine

Come um pouco. Inda ali estão

Filetes e galantine.

Queres agora a mayonaise?

(Como tendo uma ideia).

Consomé, que te parece?

PORT.-

(Recebendo do Creado o chapéu, que põe na cabeça, e entregando-lhe uma nota para pagar a conta).

Não, filha! Sem que te pése

Nada disso me apetece.

(Creado afasta-se para fazer o trôco, levando a conta e a nota).

FRANC.-

Comendo, tudo passava

Porque isso, amor, é fraqueza.

PORT.-

Não! Agora só marchava

Um cosido á portugueza!

(Tomba de novo sobre a mesa).

M U T A Ç Ã O

1.º Q U A D R O

(O Retiro Lusitano. A scena representa um retiro em fantasia. A mutação, Portuguêsinho Valente está ainda sentado na mesma mesa do quadro anterior e dorme. Vai amanhecendo. Fôra ouve-se o côro dos que vão para o trabalho. Depois, Portuguesez acorda).

M U S I C A - Côro de abertura

CÔRO-

Quando o sol surge no alto
Do seu azulado trôno
Ergue-se a terra dum salto
Extremunhada do seu sôno

ARTISTA-

Quere-lhe o povo como um filho
E a canta-lo com mais brilho
Não ha ninguem que se afoite
E até no Ceu luarisado
Cantam estrelas o fado
P'ra entreterem a noite.

Trina, trina, o velho fado	)	
O velho fado	)	
Nas toeiras da guitarra	)	Bis
Com uma mulher ao lado	)	Côro
Logo o fado	)	
Ao sentimento nos amarra	)	

PORTUGUEZ- Mas que é isto?!... (Olhando em volta). Não ha duvida, estou em Portugal! Mas eu adormeci num cabaret de Montmartre nos braços duma cocote... Estarei sonhando? (Bate as palmas). Rapaz!

ÁGUSTO- (Fôra). Vai! (Entra).

PORT.- O que é isto aqui?

ÁGUSTO- O Retiro Lusitano.

PORT.- É verdade, o Retiro Lusitano! Mas que mudado que ele está!

ÁGUSTO- De vez em quando muda para piôr, a vêr se melhora.

PORT.- E quem é que governa o barco?

ÁGUSTO- É o sr. Coradinho. Armou em ditador e começou por empandeirar o Retiro de S. Bento, para não ter concorrência. Lá boa vontade tem ele...

PORT.- E tem ideias?

ÁGUSTO- Se tem, não se lhe vêem.

PORT.- E projetos para atrair os freguezes, para tornar conhecido lá fôra este cantinho onde o sol é tão lindo e as mulheres todas misses á beirinha?

ÁGUSTO- Ele diz que sim e que se não fôr a bem, vai a mal.